

# XXVI Congresso Internacional da ABRAPLIP

*Ensino e pesquisa da  
literatura portuguesa  
no Brasil e no mundo*

**ANAIS**

02 a 06 de outubro de 2017  
Universidade Federal do  
Paraná  
Curitiba - Brasil

*Almada  
Mar/20*



**DELLIN  
UFPR**

 Programa de  
Pós Graduação  
em Letras-UFPR

**CNPq**  
Conselho Nacional de Desenvolvimento  
Científico e Tecnológico

**CAPES**

**oficina**

**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

CULTURA  
DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E  
DAS BIBLIOTECAS

# Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa

## Anais do XXVI Congresso Internacional da ABRAPLIP

Ensino e pesquisa da literatura portuguesa  
no Brasil e no mundo  
Universidade Federal do Paraná  
02 a 05 de outubro de 2017

Curitiba  
2017



**Universidade Federal do Paraná (UFPR)**

Reitor: Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

**Setor de Ciências Humanas (SCH – UFPR)**

Diretora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lígia Negri

**Departamento de Literatura e Linguística (DELLIN – UFPR)**

Chefe: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adelaide Hercília Pescatori Silva

**Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET – UFPR)**

Coordenadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Figueiredo Silva

**Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)**

**Diretoria Executiva - Gestão 2016/2017**

Presidente: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)

Vice-Presidente: Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCAR)

Secretário-Executivo: Prof. Dr. Antonio Augusto Nery (UFPR)

Secretário Adjunto: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)

Tesoureiro: Prof. Dr. Luís Gonçalves Bueno de Camargo (UFPR)

Tesoureiro Adjunto: Prof. Dr. Marcelo Corrêa Sandmann (UFPR)

Assessora de Comunicação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

**Zonas regionais de representatividade:**

Regional 1 – RJ e ES: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ida Maria Santos Ferreira Alves (UFF) e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mônica Figueiredo (UFRJ)

Regional 2 – SP e MS: Prof. Dr. Paulo Motta Oliveira (USP) e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Soares Junqueira (UNESP)

Regional 3 – BA, SE e AL: Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA) e Prof. Dr. Flávio Reis (UESB)

Regional 4 – PE, PB, RN, CE, MA e PI: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Márcia Alves Siqueira (UFC) e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

Regional 5 – RS, SC e PR: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Schmidt (UFSC) e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tatiana Prevedello (IFFAR)

Regional 6 – MG, GO, TO e OF: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Madanelo Sousa (UFMG) e Daviane Moreira (UFG)

Regional 7 – AM, AP, AC, PA, RO, RR e MT: Prof. Dr. Otávio Rios Portela (UEA) e Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (UFPA)

**XXVI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)**

**Comissão organizadora:**

Prof. Dr. Antonio Augusto Nery (UFPR)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

Prof. Dr. Luís Gonçalves Bueno de Camargo (UFPR)

Prof. Dr. Marcelo Corrêa Sandmann (UFPR)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)

**Promoção:**

**Centro de Estudos Portugueses da Universidade Federal do Paraná (CEP – UFPR)**

**Endereço: Rua General Carneiro, 460, 11º andar, sala 1108. Centro. 80-060150 – Curitiba, PR – Brasil. E-mail: cep.ufpr@gmail.com. Telefones: +55 (41) 3360 5303/ +55 (41) 3360 5097**

**Composição e Diagramação:** Prof. Dr. Giuliano Lellis Ito Santos (USP)

**Apoio:**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Setor de Ciências Humanas (CH – UFPR)

Departamento de Literatura e Linguística (DELLIN – UFPR)

Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLET – UFPR)

Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Editora Oficina Raquel

Anais do XXVI Congresso Internacional da Abraplip: ensino e pesquisa da literatura portuguesa no Brasil e no mundo, Curitiba, PR, 2 a 5 de outubro de 2017. Curitiba: UFPR, 2017.  
11.038Kb; PDF.

Publicação da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa.

ISBN: 978-85-54994-00-6

1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Literatura portuguesa. 3. Literaturas de língua portuguesa. 4. Literatura comparada. I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (27, 2017, Curitiba, PR). II Título.

CDD – 869.09

## O DIÁLOGO NA LITERATURA PORTUGUESA DO SÉC. XIX: IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

Maria Teresa Nascimento<sup>1</sup>

O meu interesse pelo estudo do diálogo começou há longos anos, quando Aníbal Pinto de Castro me estimulava com a sua orientação e ensinamentos, a escolher para campo de trabalho de doutoramento um domínio nunca explorado até então, de forma sistemática e desenvolvida, na literatura portuguesa. A tarefa, tão desafiadora, quanto árdua e exigente, cedo me levaria à constatação de que a fortuna do género na literatura portuguesa do Renascimento e Maneirismo implicaria laborar com um *corpus* que não estava ainda completamente identificado, nem analisado na sua especificidade genológica. A partir de 1532, data que considerámos como a da publicação do primeiro diálogo em português, *Ropica pñefma*, de João de Barros, até 1618, foram dezanove os autores estudados, a maior parte dos quais, autores de textos plurais e de extensão bastante significativa, como Fr. Heitor Pinto, Garcia da Orta, D. Gaspar de Leão ou Fr. Amador Arrais. Cedo se revelaria que a senda aberta por este estudo era apenas o início dum caminho bastante promissor que não tem parado de surpreender pelo florescimento contínuo de diálogos ao longo dos séculos vindouros.

A escolha do diálogo como campo de pesquisa e de trabalho terá sempre como entrave o da falibilidade da inventariação. A explicitação do género ostentada nas costumadas designações de diálogo, colóquio, conversa, conversação, prática, palestra ou fala não consegue responder a todas as hipóteses de um *corpus* onde podem passar despercebidos títulos como aquele com que nos deparamos em *Hospital do Mundo* de José Daniel Rodrigues da Costa. Um número indeterminado de textos corre, assim, o risco de ficar de fora até que o acaso os faça descobrir. Acresce a esta dificuldade a da incorporação de alguns diálogos em periódicos, tornando a sua detecção menos previsível.

<sup>1</sup> Universidade da Madeira, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

Ainda assim, mesmo consciente das limitações do *corpus* que coligi até agora, e sobre o qual pairará sempre a dúvida relativa à sua incompletude, tornando necessárias as actualizações, quando um novo título se adicionar ao acervo, o desafio é estimulante.

A publicação de dois catálogos de diálogos, o primeiro, da autoria de Aurelio Diaz-Toledo (2013) e o segundo, de Margarida Alpalhão e de Isabel Barros Dias (2016) vieram constituir depois do estudo a que procedi em *O Diálogo na Literatura Portuguesa. Renascimento e Maneirismo* (NASCIMENTO, 2011), um relativo avanço no inventário então coligido. Porque desprovido de instrumentos descritivos, o segundo dos catálogos causa, contudo, alguma perplexidade ao investigador que pretenda maiores indicações do que a simples listagem de títulos e de autores, estando por indicar, por exemplo, quando houver lugar a ela, a localização dos exemplares impressos ou manuscritos, em bibliotecas ou arquivos de referência, ou quando assim não acontecer, se estamos perante textos que foram listados por dicionaristas e cuja existência não tenha conseguido comprovar-se. Seja como for, a relação significativa a que as autoras procedem vem complementar o primeiro catálogo de Aurelio Diaz-Toledo, o qual não vai além do Séc. XVII. Desde 2016, data da publicação do segundo dos catálogos, podem os investigadores contar com um inventário que chega até ao séc. XIX.

Quase trezentos anos depois de ser conhecido o primeiro diálogo escrito em português, e sem que, em tão longo período tenha esmorecido a fortuna do género, entramos no séc. XIX, com destacado fulgor, conforme o atesta o elevado número de diálogos que consegui rastrear até ao momento – cento e setenta - excluídas que foram as traduções, cuja catalogação, num outro momento, poderá interessar-nos para perceber que temáticas eram particularmente apelativas dentro do género em questão. O objectivo foi, por ora, cingirmo-nos unicamente a diálogos de autoria portuguesa e escritos em português. Identifiquei quatro dezenas de autores, mas continua ainda incerta a autoria de cerca de trinta diálogos. Mais de meia centena de editores testemunham a vitalidade da imprensa neste período. A Impressão Régia, com forte presença até aos primeiros trinta anos do século, leva a dianteira quanto ao número de publicações, sendo responsável por cerca de ¼ da totalidade dos diálogos catalogados em toda a centúria. Quanto

aos autores, é José Daniel Rodrigues da Costa o responsável pelo maior número de títulos – nove, repertoriados até à data, contra os dois de Luís de Sequeira Oliva ou de M.V.M.

Não estando ainda divulgado o inventário sistemático dos diálogos do séc. XIX, esta comunicação pretende traçar as principais constantes e limitações da recolha a que procedi, bem como formular conclusões e reflexões que serão sempre provisórias, pelas razões que já ficaram explanadas. De um pequeno grupo referente às Invasões Francesas, e não de todo o conjunto, me tinha já ocupado, num artigo intitulado *Ecos das Invasões Napoleónicas na produção literária portuguesa em diálogo* (NASCIMENTO: 2009).

Se é verdade que os avanços que pode representar, por si só, o estabelecimento de um catálogo de diálogos, permitindo-nos, desde logo, perspectivar a amplitude do género, avaliando o modo como ele frutificou, não é menos verdade que a possibilidade de facultarmos elementos adicionais a essa inventariação poderá revelar-se de sumo interesse para o estabelecimento de uma tipologia que atente em elementos como: a) Extensão dos textos; b) Constelações temáticas; c) Natureza das personagens. Espaço interlocutivo e enunciativo; d) Modelos genológicos.

Ficarão, assim, neste trabalho linhas possíveis de indagação assentes num ou outro exemplo elucidativo.

## A. EXTENSÃO DOS TEXTOS

Estamos longe da extensão de muitos dos volumosos diálogos com que contactámos ao longo dos séculos anteriores. Com alguma regularidade, se encontram títulos no Séc. XIX que conheceram um modo de divulgação em folheto, de que a *Gazeta de Lisboa* ou outros periódicos se foram fazendo arauto, com indicações que podem chegar a incluir menções aos preços e ao local de venda. Outros periódicos ainda, como o *Telegrafo Portuguez* serviram de veículo de divulgação a alguns diálogos<sup>2</sup>.

A quase simultaneidade entre as matérias emergentes no panorama histórico-social da época e a redacção dos diálogos – vejam-se os três anos de 1808 a 1811, correspondentes ao conjunto

---

<sup>2</sup> Cf. Extracto de um folheto intitulado pequeno Catecismo para uso do Povo Francez, impresso ultimamente em Paris, Telegrafo Português, nº 48, 1814.

sobre as invasões francesas – precisaria de um modo de produção e de transmissão célere e abrangente. O inimigo estava em Portugal e era preciso combatê-lo. Pela palavra, também.

Atente-se nos seguintes diálogos, por exemplo: *Perfídia ou política infernal: diálogo entre Lucifer e Bonaparte* (ANÓNIMO, 1808), cuja extensão se cinge às catorze páginas; às dezasseis em *Cartilha napoleônica ou instruções machiavelico-vandalicas : dialogo entre Napoleão, e hum mouro saletino* (ANÓNIMO, 1808)<sup>3</sup>; às vinte e uma, em *Diálogo entre Brága e o Porto* (Anónimo, 1809). A publicação em folheto viabilizaria ainda a sua saída em formato seriado, o que acontece com *Hospital do Mundo* (COSTA, 1805), cujos folhetos numerados de 1 a 12, acompanham a sucessividade dos meses do ano. O inventário que coligi conta com um número reduzido de textos em formato livro que, ainda assim, não são de grande extensão, como acontece com o *Diálogo sobre o Destino de Portugal ou Parábola VIII Acrescentada ao Portugal Regenerado* (D. C. N. PUBLICOLA, 1821)<sup>4</sup>, que não atinge as cinquenta páginas, ou com alguns compêndios didáticos, também em forma dialogada. Sem falar destes últimos, porque diversos no propósito e no público visado, as maiores virtualidades dialécticas associadas a diálogos mais longos são um dado a considerar.

## B. CONSTELAÇÕES TEMÁTICAS

Foram identificados conjuntos coesos, inspirados por preocupações comuns. Defini três grupos maiores de diálogos: de carácter político, moralizante ou religioso e didáctico.

Dentro da primeira categoria, isolei cinco grupos: Invasões Francesas; presença da Corte no Brasil; dissensões entre corcundas e liberais; formação cívico-política e a polémica sebastianista.

Os diálogos de temática política são predominantes em todo este século, com o diálogo a dedicar especial atenção ao período das Invasões Francesas e a transformar-se num veículo de resistência ao invasor, mas igualmente de inquietude perante a ameaça à soberania portuguesa que pode representar o acolher-se à protec-

<sup>3</sup> Este folheto tem como indicação de autor a de “Um Português de todos os quatro costados”.

<sup>4</sup> D.C.N. Publicola é o pseudónimo de Manoel Borges Carneiro.

ção inglesa. A palavra, por via do diálogo, torna-se instrumento de luta, faça-se ela pelo riso, pela denúncia das iniquidades ou pela demonstração da errada ideologia jacobinista que a alguns portugueses possa seduzir. Entre 1807 e 1811, a produção de diálogos orientados por estes princípios é significativa. A partir de 1811, não havendo mais razão para a existência deste núcleo temático, ele extingue-se, mas o sentimento de orfandade criado pela partida de D. João VI para o Brasil encontra agora o momento ideal para a sua expressão. A Corte partira para o Brasil, e por lá ficara, e o diálogo uma vez mais entende fazer-se porta-voz dos descontentes, a quem preocupa o estado actual de Portugal “misérrima colónia do Novo Mundo” (D. C. N. PUBLICOLA, 1821, p. 9) e a sua posição relativamente ao Brasil.

De maior longevidade se afiguram as disputas entre liberais e absolutistas, com um número importante de diálogos entre 1818 e 1834. De aparecimento intermitente, mas em quantidade bastante menor serão os diálogos alusivos ao mito sebastianista.

Há ainda uma clara preocupação com a formação cívico-política do homem do séc. XIX, junto de quem o diálogo assume uma tarefa pedagógica. A título de exemplo, refiro o *Dialogo instructivo em que se explicão os fundamentos de huma constituição e a divisão das autoridades que a formão, e executão* (Anónimo, 1821).

O diálogo deste século é ainda testemunho da continuidade de uma prática de instrução escolar, seja a que se transmite através de várias reedições do século XVIII, sobretudo as destinadas às Escolas da Congregação do Oratório, seja a que vem a lume com novos títulos, como o *Diálogo ortográfico da língua portuguesa com reflexões e notas sobre as diferentes opiniões dos ortógrafos* (BARKER: 1843).

O diálogo religioso, de forte presença em séculos passados, fica confinado a um espaço residual.

## C. NATUREZA DAS PERSONAGENS. ESPAÇO INTERLOCUTIVO E ENUNCIATIVO

O estudo do número de personagens relativo a cada um dos diálogos pode revelar-se um instrumento de análise profícuo para a observação do agenciamento das falas, maioritariamente travadas entre dois interlocutores. Situações raras são as que se encontram no *Dialogo entre as principais personagens Francesas, no Banquete dado a bordo d' Amavel por Junot. No Dia 27 de Setembro de 1808* (L.S.O., 1808), com um número bastante alargado de convivas.

As questões que poderemos ter em linha de conta numa caracterização que se pretenda fazer relativamente aos diálogos deste século ou de outro são as seguintes:

Compete a algum dos interlocutores exercer o papel dominante no discurso? Existe um equilíbrio na tomada de palavra? Tende o diálogo para o monologismo ou, pelo contrário, assistimos a uma partilha regular do espaço discursivo por parte das personagens, sendo dada oportunidade a cada uma delas de expressar o seu ponto de vista? De que modo procede a argumentação?

A observação levada a efeito a propósito da extensão dos diversos diálogos no século em apreço serve-nos agora para concluir que muito mais raramente tenderá o diálogo para o monologismo. Dificilmente, em textos de reduzida dimensão, haveria lugar para as longas tiradas discursivas a que alguns diálogos do passado nos tinham habituado. Importará, contudo, ponderar a hipótese de que uma partilha mais equilibrada seja o reflexo das mutações sociais do século, porque o diálogo do século XIX é um diálogo enraizado no seu tempo. E interessará inventariar no *corpus* deste século que novos protagonistas são chamados ao espaço interlocutivo.

Quem são as personagens que lhe dão voz? Personagens históricas como Bonaparte e os seus generais irrompem no diálogo, aniquilando-se a eles próprios pelas tensões que os dividem ou denunciando-se pelos laços infernais que tecem com as figuras demoníacas, (ANÓNIMO, *A Confissão de Bonaparte, e a satisfação que toma ao Diabo por não auxiliar os seus exércitos é um Dialogo travado entre Lucifer, Barraç, e Bonaparte*, 1811); representações sociais e ideológicas de partidistas, jacobinos, corcundas e liberais, soldados,

pedreiros-livres, operários, patriotas; personagens alegóricas, acordadas das trevas demoníacas ou arrancadas à morte; personagens significativas da relação magistral em contexto didático.

Como se constata, o diálogo neste século convoca novos agentes, sem deixar de lado algumas práticas anteriores que confirmam uma tradição que se mantém viva ainda, como adiante melhor se compreenderá.

Uma caracterização que se pretenda relativamente ao panorama do diálogo passará, forçosamente, pela verificação das diversas hipóteses enunciativas. Dispõe ou não o diálogo duma entidade a quem cabe a sua apresentação ou gestão? Confirmada a sua existência, qual o seu papel? Fica ele reservado à direcção das zonas liminares do texto, como os proémios, se os houver? Ou teremos uma entidade a quem cabe assegurar a cedência da palavra ao longo de todo o diálogo, se não mesmo a possibilidade de lhe competir a transmissão de fragmentos narrativos?

Recordamos, então, com base em vários dos teorizadores do diálogo três modalidades possíveis: a mimética, a narrativa e a mista (NASCIMENTO: 2011, p. 373-390) que poderemos inquirir percorrendo os diversos catálogos. Parece possível concluir desde já que o diálogo português de oitocentos privilegia a forma mimética.

## **D. MODELOS GENOLÓGICOS**

Não fará já sentido num século como aquele que estudamos, o cultivo do diálogo por razões que radicassem essencialmente na imitação de modelos greco-latinos. Nem esta razão teria sido, aliás, a que ditou desde o início o alargamento do género à cobertura de um tão vasto conjunto de matérias. Foram a sua ductilidade, as suas capacidades ao nível da transmissão do pensamento e dos conhecimentos que fizeram dele um género de grande longevidade.

O diálogo português do séc. XIX já não precisa de invocar as suas raízes clássicas. O género já não carece de fundamentação para a sua existência, devidamente provadas que estão as suas virtudes. Despojado do aparato citacional erudito, longe da preceptística renascentista que revestira a sua existência primeira, está preparado para se oferecer a uma sociedade que se vai democra-

tizando até no próprio uso da palavra. Implícita ou explicitamente, contudo, os diálogos do séc. XIX revelam na sua tessitura as marcas de uma tradição assente em três autores paradigmáticos: Platão, Cícero e Luciano. Se no Renascimento, por razões provavelmente atinentes ao decoro, haviam sido preteridos os diálogos lucianescos – a *Ropicapnefma*, de João de Barros, tendo sido a única fazer-se eco do autor de Samósata – agora, no Séc. XIX, vários dos diálogos são-lhe devedores, de modo evidente, como sejam todos aqueles que se filiam na tradição do Diálogo dos Mortos: *Diálogo entre Dous Mortos, ou Entretenimento entre dous Soldados que morreram na Batalha do Buçaco, um Inglês e Outro Francês*, da autoria de M. V. M. ou *Diálogo dos Mortos. Interlocutores Padre Macedo; Padre Amaro, da autoria de Marques Pinto Soares Vaz Preto*. Mas também a sátira, a derisão que anima grande parte dos diálogos do séc. XIX reenvia inevitavelmente para Luciano, com particular relevância no conjunto de diálogos respeitantes às Invasões Francesas.

De qualquer maneira, a citação explícita dos modelos greco-latinos no Séc. XIX pode bem ser uma ocasião única, como a que se depara no diálogo *O Fiado Descosido* (MACHADO, 1827). Desde logo, é a evocação de Cévola e Lélío do *De Amicitia* que assoma ao diálogo do autor português, quando assim nomeia as suas personagens, mantendo entre elas os mesmos traços de amizade que uniam as outras do Arpinate, depois, é a própria reivindicação da forma do diálogo que se faz à custa dos modelos greco-latinos e lusos:

“Este método é o que adoptara, os homens mais sábios, como o meio mais eficaz de ensinarem as suas doutrinas. De Diálogos se serviu o grande Platão em Atenas para combater os vícios da Grécia, sua Pátria e ensinar-lhes as verdades mais importantes à vida e à sociedade humana. O mesmo fez Cícero em Roma. O mesmo fizeram em Portugal os Sábios Mestres da Língua Fr. Heitor Pinto e Fr. Amador Arrais.” (MACHADO, 1827, n° 4, p.1)

De resto, o modo abrupto com que se iniciam os diálogos, por via de regra, tem mais a ver com o encontro fortuito das personagens de Platão num qualquer ponto da cidade do que com a preparação cuidada que preside ao início da conversação ciceroniana.

E a partição que alguns dos diálogos portugueses observam neste período, parece mais ditada por razões editoriais consentâneas com a natureza do suporte – folheto ou periódico – do que propriamente com a transição de tempo, lugar ou matéria. Ressalva especial é a constituída pela singular sucessão dos pratos constitutivos do banquete, e, consequentemente das partes do diálogo, no já citado texto de L.S.O., a bordo da Amável. (L.S.O., 1808). A Primeira Parte compreende a Sopa de Pão, Vaca Cozida, Feijões com Cebola, Prato de Camarões. A Segunda Parte e “Segunda Coberta” é a que inclui Cavala Frita, Empadinhas de Carneiro e após a Sobremesa, constituída por Uvas, Queijo e Nozes e o Prato de Palitos, segue-se o Café de Cevada.

Em jeito de síntese, posso afirmar que o diálogo português assume, de maneira ecléctica e desigual, o contributo do diálogo greco-latino, veiculado através de Cícero, mas com uma dívida acentuada a Luciano, agora no séc. XIX.

## CONCLUSÃO

Depois de no Séc. XVIII se ter assistido à emergência de um conjunto de textos que, determinado pelo movimento filosófico das *luzes* ou Iluminismo, colocava o diálogo ao serviço da instrução, vemos agora como no Séc. XIX, primeiro, o contexto das Invasões Francesas, depois a situação dúbia da soberania portuguesa criada com a manutenção da Corte no Brasil e, finalmente, as dissidências entre corcundas e liberais constituíam terreno fértil para o prosseguimento do género que não esquecera as suas potencialidades comunicativas.

A fortuna do género na Literatura Portuguesa é inegável, desde o seu aparecimento, sendo especialmente significativo o número de testemunhos impressos encontrados até ao final do Séc. XIX. A conhecida ductilidade do género, que propiciava a sua utilização em várias situações de convivalidade ou de antagonismo reais ou simulados, foi acompanhando o curso do tempo e o pulsar das suas gentes de quem se ia fazendo mais próximo, posto ao serviço da expressão ideológica, da transmissão de um saber ou de uma moral. A opção pelo diálogo continua a demonstrar, no Séc. XIX, extrema vitalidade, numa dinâmica sincrónica em que se intersec-

cionam vozes de interlocutores, mas também as de uma temporalidade inerente à continuidade do género, quando considerada a sua própria matriz greco-latina.

A reflexão aqui apresentada é apenas panorâmica relativamente aos diálogos deste período. Até ao momento da divulgação do catálogo, a inclusão de um ou outro título mais pode ainda vir a ocorrer. Conto precisar melhor ainda alguns dos temas, mas temo não conseguir desvendar a autoria de muitos dos textos.

Ultrapassada a fase do catálogo, uma edição que reunisse a totalidade dos diálogos, seria o desejável, evitando a dispersão do acervo.

## REFERÊNCIAS

- ANÓNIMO. *Perfídia ou política infernal: diálogo entre Lucifer e Bonaparte*. Lisboa : na Typografia Lacerdina, 1808.
- ANÓNIMO. *Cartilha napoleonica ou instruções machiavelico-vandalicas : dialogo entre Napoleão, e hum mouro saletino* . Lisboa : Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1808.
- ANÓNIMO. *Diálogo entre Brága e o Porto*. Londres: W. Lewis, 1808.
- ANÓNIMO. *A Confissão de Bonaparte, e a satisfação que toma ao Diabo por não auxiliar os seus exércitos é um Dialogo travado entre Lucifer, Barraç, e Bonaparte*. Lisboa: Na Impressão regia, 1811.
- ANÓNIMO. *Dialogo instructivo em que se explicão os fundamentos de huma constituição e a divisão das autoridades que a formão, e executão*. Lx: na Typografia Real, 1821.
- BARKER, António Maria. *Diálogo ortográfico da língua portuguesa com reflexões e notas sobre as diferentes opiniões dos ortógrafos*. Porto: Typ. Commercial Portuense, 1843.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da. *Hospital do Mundo*. Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1805.
- DIAZ-TOLEDO, Aurelio Vargas. Uma primeira aproximação do corpus dos Diálogos Portugueses dos séculos xvi-xvii CRITICÓN, 117, 2013, pp. 65-130.  
<http://criticon.revues.org/220> Acesso em 30 de out. 2017
- L. S. O.(Luís de Sequeira Oliva e Sousa Cabral). *Dialogo entre as principais personagens Francezas, no Banquete dado a bordo d' Amavel por Junot. No Dia 27 de Setembro de 1808*. Lisboa: na Typ. Lacerdina, 1808.
- MACHADO, José. *O fiado descosido ou calva dos constitucioaes exaltados posta à mostra: dialogo entre hum velho corcunda, hum velho liberal, hum moço constitucio-*

- nal* exaltado. Lisboa: na Imprensa Regia, 1827.
- M. V. M. *Dialogo entre dous mortos, ou entretenimento entre dous soldados que morrerão na Batalha do Bussaco*. Lisboa: na Imprensa Regia, 1810-1811.
- NASCIMENTO, Maria Teresa. *O Diálogo na Literatura Portuguesa. Renascimento e Maneirismo*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2006.
- NASCIMENTO, Maria Teresa. Ecos das Invasões Napoleónicas na produção literária portuguesa em Diálogo. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, III Série, Vol. 10, Porto, p. 29-35, 2009.
- Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8873.pdf> . Acesso em 30 de out. 2017.
- PRETO, Marques Pinto Soares Vaz (Pe). (?) *Diálogo dos Mortos. Interlocutores Padre Macedo; Padre Amaro*. Londres: Thompson, 1832 (?).
- PUBLICOLA, D. C. N (pseud. De Manoel Barros Carneiro) *Parábola VIII Acrescentada ao Portugal Regenerado*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1821.
- ALPALHÃO, Margarida Santos e DIAS, Isabel Barros. Diálogos Portugueses: contributo para um catálogo. (Idade Média-século XVIII). *eHumanista* 33. *Journal of Iberian Studies* (2016): 457-518. Disponível em [http://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.space7\\_eh/files/sitefiles/ehumanista/volume33/12%20chum33.santos%26barros.pdf](http://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.space7_eh/files/sitefiles/ehumanista/volume33/12%20chum33.santos%26barros.pdf) Acesso em 30 de out. 2017.